

Cláudio Castro faz aceno ao STF e incomoda aliados

Governador do Rio disse a pessoas próximas que foi aconselhado a não ir à manifestação na Paulista para evitar desgastes com o Supremo; dos 13 chefes de Executivo estadual eleitos com apoio de Bolsonaro, nove faltaram

LUÍSA MARZULLO
luisa.marzullo@globo.com.br

O governador do Rio de Janeiro, Cláudio Castro (PL), disse ao seu entorno ter sido aconselhado a não comparecer ao ato que reunia milhares de apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro, no domingo, para evitar desgastes com o Supremo Tribunal Federal (STF). O governador é investigado pela Polícia Federal por suspeita de envolvimento em um esquema de corrupção, por isso, estaria tentando manter um bom relacionamento com o Judiciário.

Oficialmente, Castro alega ter uma viagem a Portugal, para onde embarcou na última sexta-feira. Procurada, a assessoria do governador disse que ele ficará no país até amanhã, quando participará de uma feira de turismo.

A ausência ocorre em meio a acenos do governador fluminense à mais alta Corte do país. Na semana passada, por exemplo, ele esteve na posse do ministro Flávio Dino, indicado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva (STF).

Em dezembro do ano passado, o ministro Raul Araújo, do Superior Tribunal de Justiça (STJ), determinou a quebra dos sigilos bancário, fiscal e telemático de Castro no âmbito da Operação Sétimo Mandamento.

Nascido em 1958, Castro tem R\$ 128 mil e US\$ 7.535 na ca-

sa do irmão do governador, Vinícius Sarcia Rocha. Também foram encontradas anotações e planilhas com nomes, valores e percentagens.

Quando as aspirações da PF começaram, Sarcia trabalhava na Fundação Leão XII, que administrava contratos sob investigação. Na operação que quebrou seus sigilos, Castro afirmou que a ação não trazia "nenhum novo fato à investigação", que não há nada contra ele, nenhuma "prova" e que recebia a quebra com "tranquilidade".

ESTREITAMENTO COM LULA

Além de acenos ao Judiciário, outra preocupação de Castro tem sido estreitar laços com o governo federal, no intuito de garantir mais investimentos para o Rio. No início do mês, o governador esteve em uma agenda do presidente em Magé, na Baixada Fluminense.

A justificativa de evitar desgastes não convenceu parte dos aliados de Cláudio Castro, que classifica sua postura como "falta de gratidão" ao ex-presidente. A ala mais ideológica aponta ainda que Castro estaria tentando fazer um "jogo duplo", ou seja, agradar tanto o governo federal quanto o bolsonarismo.

Para esse grupo, ele não estaria tendo êxito, já que tem sido evitado em eventos de Lula e irritado bolsonaristas.

No PL, a repercussão foi negativa. Quatro governa-



Longe. Castro em Portugal com o embaixador Ramundo Carneiro: aliado casou com ausência como "fora de grato" da manifestação na Avenida Paulista.



Duplo aceno. Governador do Rio tenta se equilibrar entre Lula e Bolsonaro.

dores bolsonaristas marcam presença: Tarcísio de Freitas (Republicanos-SP), Romeu Zema (Novo-MG), Jorginho Mello (PL-SC) e

GESTOS DO GOVERNADOR

Ausência em manifestação
Cláudio Castro não compareceu ao ato convocado pelo ex-presidente Jair Bolsonaro para domingo, na Avenida Paulista.

Posse de Dino
O governador do Rio esteve presente na posse do ministro Flávio Dino no Supremo. Ele foi indicado pelo presidente Lula.

presidente. Entre os 27 governadores, 13 se elegeram com o apoio de Bolsonaro. Nove deles, contudo, não participaram

da manifestação na Avenida Paulista. Entre eles está o governador do Paraná, Ratinho Júnior (PSD), que participou de uma ação de combate à dengue no domingo. Antônio Denarium (PP-RR) também se ausentou e, segundo sua assessoria, o motivo foi o período de seca no estado, que deixou nove municípios em estado de emergência.

Já o governador de Mato Grosso do Sul, o tucano Eduardo Riedel não escondeu que não havia interesse em comparecer. Alado da ex-ministra da Agricultura de Bolsonaro, Tereza Cristina (PP), Riedel afirmou fazer parte da "direita preparada", contrária à polarização no país.

— A polarização é um deserviço para o Brasil. Tenho uma agenda carregada, não estive no 8 de janeiro, que acho que foi um ato político, como esse também foi. Ficar alimentando discussões rasas em eventos políticos não agrega — disse Riedel ao GLOBO.

Procurados, os governadores do Acre, Mato Grosso, Amazonas, Rondônia e Tocantins, que também se ausentaram, não responderam até o fechamento desta edição.

A ida de Zema, por sua vez, foi lida como uma tentativa de se acalmar para as eleições presidenciais de 2026 como nome do bolsonarismo, com o qual tem histórico de resistência.

Leite rejeita apoio a Nunes e defende candidato próprio em SP

Governador gaúcho criticou alinhamento do emedebista com Bolsonaro

BRUNO GOMES
bruno.gomes@globo.com.br

O governador do Rio Grande do Sul e uma das principais lideranças do PSDB, Eduardo Leite é contra o apoio de seu partido à reeleição de São Paulo, Ricardo Nunes (MDB). Para Leite, a associação de Nunes a Jair Bolsonaro (PL) não está alinhada com o projeto que os tucanos buscam construir nacionalmente, de oferecer uma alternativa à polarização entre o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o ex-titu-

lar do Palácio do Planalto.

— Respeito o prefeito Ricardo Nunes. O trabalho dele começa com o PSDB, inclusive, com o prefeito Bruno Covas. Mas houve a escolha de um caminho de se associar justamente ao Bolsonaro, o que destoa, do que o PSDB está buscando representar, de uma alternativa nesses contextos políticos nacionais (da polarização) — afirmou Leite, que cogita disputar a Presidência em 2026, ao GLOBO.

O mais alegado, na sua visão, seria lançar uma candidatura própria à prefeitura de

São Paulo, conforme a tradição do partido na maior cidade do país. O tucano participou de um evento na Fundação FHC, em São Paulo, na manhã de ontem. Depois de conversar com jornalistas, ele se reuniu com o ex-ministro Andréa Matarazzo, cotado para retornar ao partido para concorrer na eleição de outubro.

O caminho a ser seguido pelo PSDB na eleição para a prefeitura de São Paulo gerou um racha no partido. Enquanto a ala de Leite defende a candidatura própria, os ve-



Projeto. Leite diz que aliança de Nunes com Bolsonaro não se alinha com PSDB.

ros bolsonaristas marcam presença: Tarcísio de Freitas (Republicanos-SP), Romeu Zema (Novo-MG), Jorginho Mello (PL-SC) e

nes. Há também tucanos que defendem por uma chapa com a deputada federal Tabata Amaral (PSB). Como mostrou O GLOBO, em meio à indefinição, pelo menos metade da bancada tucana da cidade de São Paulo deve abandonar a sigla na janela partidária.

Em busca de uma pacifi-

cação no estado, o PSDB decidiu, neste domingo, a nova composição do diretório paulista. Mas não houve acordo para a definição do próximo presidente estadual.

ELOGIOS A HADDAD
Durante sua palestra na Fundação FHC, Leite elogiou o desempenho do ministro da

Fazenda, Fernando Haddad. Ao tratar da próxima eleição presidencial, teve cautela: defendeu que ainda é "precoce" projetar 2026 e que o cenário dependerá da percepção de bem-estar econômico no país.

— Se a economia estiver andando de lado e não tiver um risco de um Bolsonaro ou de alguém com a marca dele, talvez o eleitor se dê o direito de olhar mais o cardápio — discursou Leite, acrescentando. — A esperança é de que haja uma exatidão desse clima de acirramento.

— Ao fazer uma avaliação sobre o presidente Lula, Leite disse que o petista tem muito mais respeito às instituições do que seu antecessor e conseguiu melhorar o ambiente institucional, em especial, a relação com os governadores que não são ideologicamente alinhados a ele.

Após resistências, prefeito de BH se lança à reeleição

Grupo de Rodrigo Pacheco cedeu após avaliar que Fuad Noman não ameaça planos do presidente do Senado para 2026

Após superar resistências internas, o prefeito de Belo Horizonte, Fuad Noman (PSD), anunciou ontem sua pré-candidatura à reeleição. A solenidade contou com a presença de liderança do partido como o ministro Alexandre Silveira (Minas e Energia) e o presidente nacional, Gilberto Kassab.

O ex-prefeito Alexandre Kalil, de quem Fuad foi vice, defendia sua reeleição, mas a ala mais próxima ao presidente do Senado, Rodrigo Pa-

checo, estava na contramão. Pacheco teria cedido após avaliar que Fuad não seria uma ameaça a seus planos para 2026, quando deseja concorrer ao governo do estado.

— Coloquei meu nome à disposição do meu partido, o PSD, para disputar uma nova eleição e, se for a vontade do povo, continuar no comando de Belo Horizonte por mais quatro anos — disse o prefeito.

A ausência de Kalil no evento chamou a atenção. Em coletiva de imprensa, Fu-

ad afirmou que o ex-prefeito tinha uma viagem marcada como a família para a Europa.

Na mesma solenidade, Kassab levantou a possibilidade de o presidente do Senado concorrer ao governo de Minas ou à Presidência da República, Pacheco cumpria agenda em Brasília e enviou um vídeo cumprimentando Fuad.

— Pacheco é uma pessoa que honra o partido, está preparado para estar à frente de outros cargos em Minas Gerais e outros lugares. Ele tem



Largado. Fuad ao lado de Kassab no lançamento de pré-candidatura.

tudo para ser o governador de Minas, tem tudo para ser presidente da República.

— Ao longo de 2023, o prefeito fugia de declarações públicas sobre o pleito e só este ano começou a dar indícios de que iria concorrer. Em janeiro, Fuad realizou como governador Romeu Zema (Novo) em ao menos dois temas — o carnaval de rua e as chuvas que atingiram a capital.

— Ao GLOBO, o presidente estadual do partido, Cassio Soares, afirmou que o PSD tem "conversas adiantadas" com MDB, União Brasil, PP, Avante e PRD (fusão do Patriota com o PTB), que compõem o secretariado de Fuad e podem participar da chapa à reeleição. (Luís Marzullo)